

# A LINGUAGEM NADSAT: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DOS PRINCIPAIS NEOLOGISMOS DENTRO DO LIVRO *LARANJA MECÂNICA*

Thayná Lima MARQUES<sup>1</sup>  
Victor Freitas MELO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva analisar os neologismos mais frequentes do dialeto *nadsat*, criado por Anthony Burgess em seu livro *A Clockwork Orange*. Através da ferramenta *AntConc*, será averiguado se a tradução dessas palavras na versão em inglês está de acordo com a adequação às normas e convenções ortográficas e fonéticas da língua receptora em questão, o português, e se assim como na versão em inglês trazem um estranhamento linguístico à obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** *AntConc*; neologismo; tradução.

## 1. Introdução

No vasto âmbito da linguística, as línguas possuem dispositivos sintáticos e morfológicos que consolidam e legitimam sua existência e, dentre estes, encontra-se a adição de novas palavras às línguas vivas. Seja por meio da atribuição de novos significados aos componentes do sistema de uma língua, da criação de novos componentes por combinação, ou até mesmo por contato com outro sistema linguístico através de intercâmbios culturais, a adição de novos itens ao conjunto estrutural de uma língua é de extrema importância para garantir sua vitalidade e permitir que seus usuários possam conceber a realidade com o máximo de ferramentas à sua disposição. Esta adição de novos itens ao arcabouço de uma língua é conhecida como neologismo, e Boulanger (1979, p. 65) citado por Alves (1984, p. 1) o define como uma “unidade do léxico, palavra,

---

<sup>1</sup> Graduada em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. thaymarcs@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução. vmf\_victor@hotmail.com

lexia ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante-significado que não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sistema linguístico”.

A possibilidade de ocorrência de neologismos não se aplica exclusivamente às línguas naturais mas também às línguas construídas artificialmente ou ficcionalmente, como é o caso das línguas *Quenya* (língua falada pela raça dos Elfos no universo de fantasia criado por J. R. R. Tolkien) e *Klingon* (língua falada pelos membros da raça Klingon no universo de Star Trek), ambas ficcionais e que foram se modificando ao longo das obras em que se manifestam.

E quanto aos casos “híbridos” como os dialetos fictícios? Seria possível ocorrer alguma forma de neologismo e, mais ainda, seria possível que estes neologismos originassem uma língua não fictícia?

Um exemplo a ser citado é o do registro *nadsat*, usado no livro *A Clockwork Orange* (*Laranja Mecânica* na tradução para português) de Anthony Burgess, publicado em 1962 no Reino Unido. Influenciada pelo contexto da Guerra Fria, quando foi publicada, a obra se situa em um futuro ambientado em uma distopia em que alguma forma de socialismo extremamente estatal é a norma regente, controlando a vida dos cidadãos através da violência do Estado por meio de suas instituições, o que resulta na subsequente reação da juventude, que entra em choque e se desentende com seus contemporâneos mais velhos.

Além de fazer uso da violência física como forma de escapar da realidade e criar uma identidade em suas tribos urbanas, os delinquentes juvenis presentes no livro possuem seu próprio registro linguístico: o *nadsat*. Este registro foi criado por Burgess a partir de vocábulos da língua russa, de estruturas gramaticais do Inglês Britânico e de influências do registro *cockney* (registro informal da classe operária Britânica onde faziam uso de gírias que rimam com seu significado).

Este novo dialeto cumpre perfeitamente sua função: criar um choque linguístico entre o leitor e os personagens do livro, pois com este choque e o estranhamento seguinte, o leitor realmente se vê como

um membro externo àquele grupo descrito pelo narrador-protagonista, assim como os outros personagens secundários da obra que não são parte do bando delinquente, e observa de longe e os julga em segredo por seus delitos.

A obra foi publicada em um momento de constante tensão entre o mundo capitalista ocidental e o mundo comunista oriental durante a Guerra Fria, em especial com a União Soviética, momento este de desconfiança e suspeita constante na mídia de tudo que viesse do hemisfério inimigo. Embora seja feita para o público deste contexto histórico bastante específico, esse estranhamento linguístico se mantém relevante e atual devido ao uso de linguagem por parte da juventude violenta presente no trabalho de Burgess.

Para criar esse estranhamento, Anthony Burgess faz uso de formas arcaicas do Inglês britânico, como o uso do pronome pessoal *thou* (vós em inglês), além do emprego de novos vocábulos incorporados à ortografia inglesa (como *podooshkas*, do russo *podushka*, “travesseiro”), algo importante para a recepção do leitor e para convencê-lo de que o registro fictício presente no livro seria possível de ocorrer no mundo real.

Devido às tensões geopolíticas presentes naquela época, esse estranhamento linguístico é habilidosamente construído com os empréstimos da língua russa trazidos para o sistema ortográfico e fonético da língua inglesa; afinal, se uma das guerras da época era no campo da influência, então um dialeto com palavras vindas do Russo certamente causaria algum efeito em um público falante de Inglês, servindo para que o leitor se sinta um estrangeiro dentro do mundo criado pelo autor.

Se uma obra feita para um público em um contexto histórico específico ainda se mantém relevante, tal obra poderia manter seu efeito se traduzida a outra língua?

Este é um dos desafios mais comuns da tradução em relação a diferentes tipos de textos. É considerando, portanto, a possibilidade de manter o estranhamento linguístico do registro *nadsat* presente na obra original em uma outra língua.

Segundo Heckler et. al. (1984),  
MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 18, n. 1, p. 563-577

neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Pode ser fruto de um comportamento espontâneo, próprio do ser humano e da linguagem, ou artificial, para fins pejorativos ou não. Geralmente, os neologismos são criados a partir de processos que já existem na língua: justaposição, prefixação, aglutinação, verbalização e sufixação. Podemos dizer que neologismo é toda palavra que não existia e passou a existir, independente do tempo de vida e de como surgiu.

O presente trabalho investiga se as traduções dos neologismos mais frequentes na edição traduzida para o português brasileiro, publicada pela Editora Aleph e traduzida por Nelson Dantas, estão de acordo com as convenções gramaticais brasileiras e produzem o mesmo estranhamento presente na versão original, em inglês.

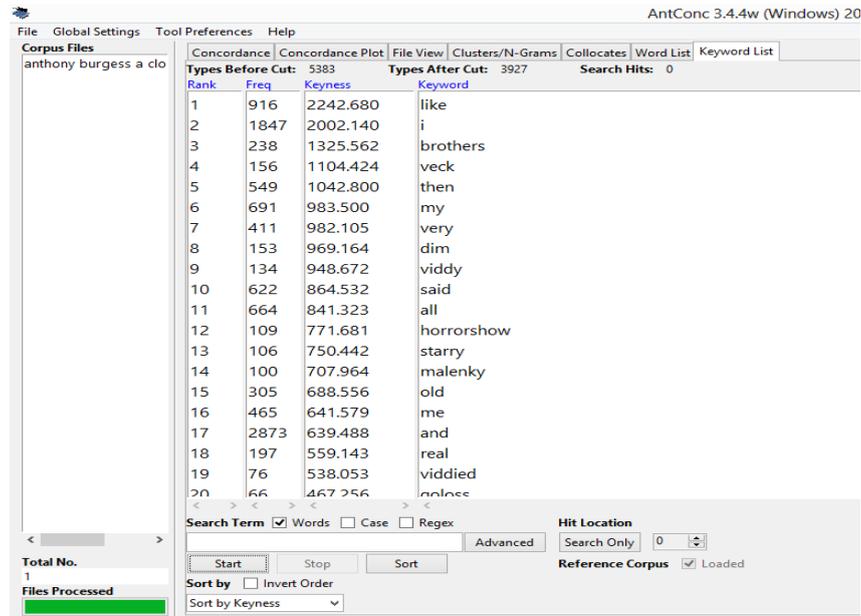
## 2. Metodologia

Devido à grande quantidade e variedade de neologismos presentes na obra de Burgess, este trabalho foca nos itens mais frequentemente apurados por meio da criação de uma lista de palavras-chave gerada pelo programa AntConc.

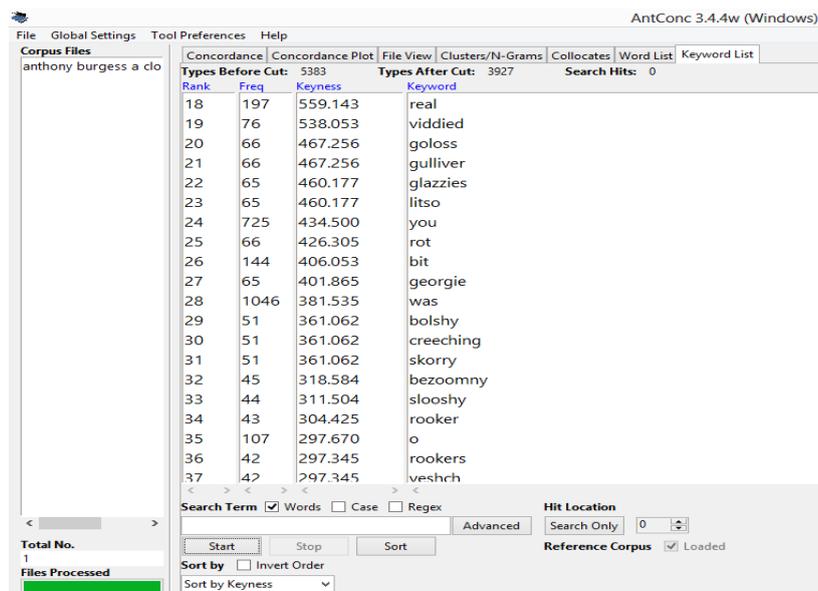
AntConc é um dos programas mais utilizados em análises de *corpora*, pois permite ao usuário o acesso rápido e prático de concordâncias e análises de texto. O AntConc auxilia estudantes e pesquisadores de diferentes ramos a aprofundar suas pesquisas, principalmente no que concerne a análise de *corpora*. Um *corpus* linguístico é um conjunto de textos no formato digital agrupados com um objetivo específico; *corpora* se trata do plural. Para este trabalho foram escolhidos os vinte neologismos mais frequentes dentro da versão da obra em inglês e, após o seu levantamento, foram observados os mesmos neologismos na versão em português do livro.

O programa AntConc, porém, gera apenas uma lista de palavras-chave comparando o *corpus* analisado com um outro *corpus* de referência, que foi adicionado nos dois idiomas por meio da aba de configurações encontrada no canto superior esquerdo da interface.

Para a versão em inglês foi usado o *American English Reference* como *corpus* comparativo ou de referência. Após gerar a lista de palavras-chave dos termos principais no livro em inglês e, ignorando os pronomes e adjetivos, como nas figuras a seguir, foram compilados de 10 a 20 neologismos mais frequentes na obra em inglês.



**Figura 1** - Captura de tela mostrando a interface do AntConc e alguns dos neologismos da obra em inglês.



**Figura 2** - Captura de tela da interface do AntConc e alguns dos neologismos da obra em inglês.

Após a busca por neologismos em inglês, estes e suas respectivas traduções foram procuradas na versão em português, como é mostrado nas imagens a seguir. Nas figuras 3, 4 e 5 a ferramenta de busca utilizada foi a mesma; pode-se observar pelo Rank (a primeira tabela à esquerda) que a frequência na versão em português demora a nos apresentar os neologismos.

Rank	Freq	Keyness	Keyword
1	655	6576.392	não
2	1236	6395.310	eu
3	427	4287.205	é
4	541	3750.206	pra
5	3525	2643.956	e
6	257	2580.355	aí
7	476	2334.333	disse
8	226	2269.106	você
9	219	2198.824	irmãos
10	395	1909.236	tinha
11	382	1793.924	estava
12	411	1764.550	me
13	536	1730.072	assim
14	739	1555.499	meus

**Figura 3** - Captura de tela dos termos mais frequentes em português.

Na seguinte figura, temos a continuação da tabela da figura 3, e dessa vez vemos 5 neologismos que serão comentados posteriormente. Por outro lado, na apuração das palavras na versão em inglês, há mais de 10 neologismos na busca pelas primeiras 39 palavras ordenadas por rank.

Rank	Freq	Keyness	Keyword
15	555	1478.135	muito
16	145	1443.895	tapado
17	143	1435.762	veque
18	277	1373.763	meu
19	131	1315.278	lá
20	127	1275.117	então
21	117	1174.714	só
22	236	1128.922	u
23	109	1094.392	ntão
24	106	1064.271	já
25	105	1054.231	horrorshow
26	104	1044.190	à
27	101	1014.070	ó
28	90	903.626	vocês
29	89	893.586	está
30	89	893.586	também
31	350	889.601	era
32	87	873.505	até
33	87	873.505	nós
34	85	853.425	videar
35	76	763.062	ão
36	392	758.858	ele
37	172	756.010	gente
38	93	684.132	ah
39	63	632.538	estarre

Figura 4 - Captura de tela dos termos mais frequentes em português.

Após o apanhado de termos mais frequentes na versão do livro em inglês, foi apurado se as traduções para o português estão de acordo com a norma-padrão e se, no contexto em que estão inseridas, causam o mesmo tipo de estranhamento linguístico presente na versão original. As traduções em português dos neologismos foram retiradas da versão traduzida em 2013 por Nelson Dantas e publicada pela editora Aleph. Para a análise dos neologismos em português, foi utilizado o LácioRef, um *corpus* aberto e de referência com textos escritos em português, respeitando a norma culta, com 4.278 arquivos, totalizando 8.291.818 ocorrências de diferentes áreas, como *corpus* comparativo para se criar a lista de palavras-chave.

Para realizar a comparação semântica dos termos em seu contexto, foi montada uma tabela com os neologismos mais prevalentes em inglês e depois seus equivalentes diretos, e variações quando aplicável, na obra em português.

Na execução desta tarefa, foi utilizada ainda a aba *KeywordList* do programa AntConc em conjunto com o livro em versão digital; esta aba permite ver após habilitar a opção “*search only*”, em que nos mostra apenas a palavra escolhida, neste caso, o neologismo que estava sendo procurado. Por isso, a necessidade do livro completo

digitalizado para uma melhor apuração na qual o termo em questão está inserido. Com os neologismos mais frequentes extraídos de cada versão do livro, foi montado o seguinte quadro contendo os neologismos em inglês e seus equivalentes traduzidos para português e a quantidade de suas ocorrências em parênteses.

<b>Inglês</b>	<b>Português</b>
Bezoomny (45)	Bezúmines (8) Bezumine (1) Bezumine (35)
Bolshy (51)	Bolche (46)
Chelloveck (40) Chelloveck's (2)	Tcheloveque (50)
Creeching (51) Creeched (39) Creech (11) Creeches (1) Creechings (1)	Crichtava (5) Critchar (13)
Devotchka (47)	Devótchecas (11)
Droogs (40)	Drugues (49)
Glazzies (65)	Glazes (57) Glazinho (1) Glazinhos (5)
Goloss (66)	Golosse (62) Golosses (3)
Litso (65) Litsos (13)	Litso (59)
Malenky (100)	Malenque (51)

Ptitsa (33) Ptitsas (23)	Ptitsa (30) Ptisas (21) Pitsizazinha (1) Ptsizazinhas (2)
Platties (41)	Pletes (36)
Skorry (51)	Escorre (49)
Slooshy (44) Slooshied (19) Slooshying (13)	Esluchar (25) Eslucharam (1) Esluchei (14) Esluchava (10) Esluchavam (2)
Starry (106)	Estarre (63) Estarres (36)
Veck (156) Vecks (34)	Veque (143) Veques (43)
Veshch (42) Veshches (31)	Véssiches (29) Véssichizinha (1) Véssichizinhas (1)
Viddy (134) Viddied (76) Viddying (22)	Videar (85) Videaram (6) Videava (22) Videei (32) Videava (4)
Horrorshow (109)	Horrorshow (105)

**Quadro 1** - Neologismos encontrados em *A Clockwork Orange* traduzidos para o português

Nas figuras a seguir, pode-se observar como foi feita a apuração apenas por termo, no caso, por neologismo.

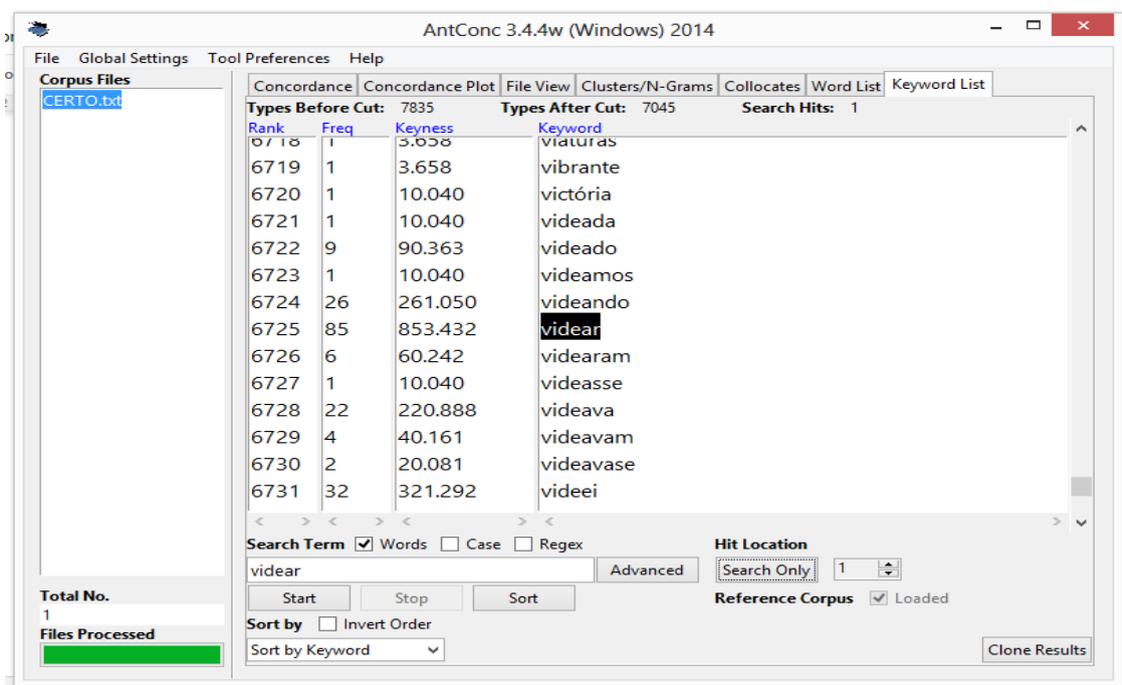


Figura 5 - Captura de tela da procura pelo termo videar

É importante ressaltar que, dentre alguns neologismos, temos também aqueles que não correspondem à quantidade que apareceram na versão em inglês e vice-versa. Neologismos como: *devoltchka*, *droogs*, *litso*, *malenky*, *veshch* e *platties* apareceram mais vezes na versão em inglês do livro que na em português. Todavia, este artigo não tem intuito de analisar a fundo tais circunstâncias dentro da obra de Burgess.

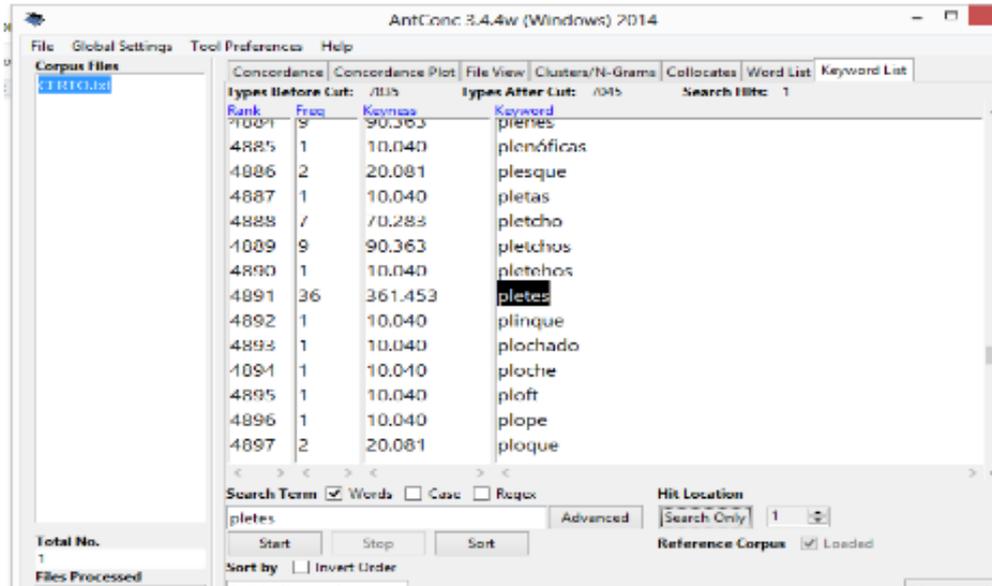


Figura 6 - Captura de tela da tradução do neologismo “platties”,

A título de curiosidade, há casos como o neologismo “litso”, que não foi traduzido na versão em português, e que tem a sua definição e tradução logo no início do livro, ou seja, seu significado de acordo com o glossário disponível no final das versões de ambos os livros. No glossário presente em português, entre parênteses, é citado que litso significa rosto. Em inglês, o seu significado é também mencionado em parênteses como “face”, sendo a tradução equivalente a rosto. As figuras 7 e 8 mostram, respectivamente, em português e em inglês, o momento em que as traduções aparecem nos livros.

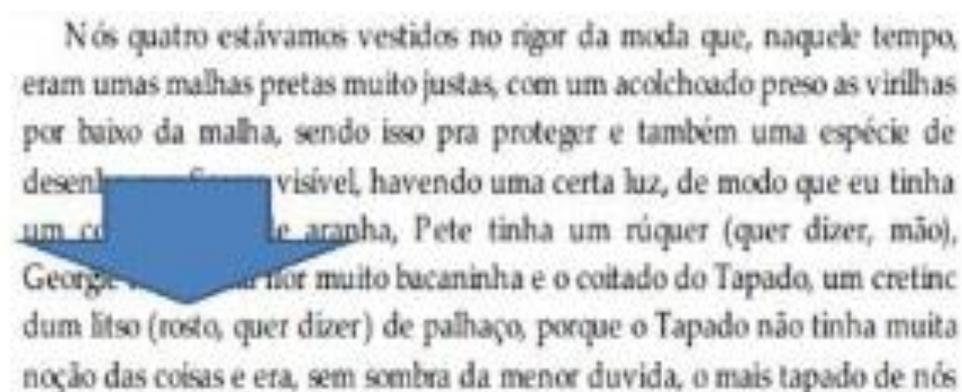


Figura 7 - Neologismo litso no livro *Laranja Mecânica*.

...and being to protect and also a sort of a design you could study even though in a certain light, so that I had one in the shape of a spider, Pete had a rooker (a hand, that is), Georgie had a very fancy one of a flower, and poor old Dim had a very hound-and-horny one of a clown's litso (face, that is). Dim not ever having much of an idea of things and being, beyond all shadow of a

**Figura 8** - Neologismo litso e seu termo presente em *A Clockwork Orange*.

### 3. Resultados

Comparando os neologismos traduzidos para o português, constata-se que eles mantiveram sua classe gramatical, gênero e número, como no caso de *Ptitsa* (33 ocorrências, “moça” em *nadsat*) e seu equivalente homógrafo em português com 30 ocorrências. Isto evidencia um neologismo por empréstimo; pois, como notado por Alves, “[o]corre a neologia por empréstimo quando um elemento estrangeiro (expressão, conteúdo ou ambos) é utilizado numa determinada língua e passa a ser codificado por ela” (1984, p. 120).

A codificação em questão é a adequação do novo termo às normas e convenções ortográficas e fonéticas da língua receptora; no neologismo *devoltchka* (menina ou moça), por exemplo, sua transposição para o sistema linguístico da língua portuguesa resultou em devóltchecas, uma proparoxítona acentuada, como todas devem ser, e com a letra “c” no lugar de “k” na última sílaba. Observando-se os neologismos em português, percebe-se também que a maioria faz parte da classe dos substantivos e, como foi mencionado previamente, mantém seu número e gênero.

Outro caso que também é digno de nota são os verbos. Em inglês, os verbos ficaram os mais regulares possíveis devido à terminação *ed* no passado simples e a terminação *ing* na forma contínua; para a tradução em português, o tradutor Nelson Dantas optou por traduzi-los na primeira terminação verbal, terminada em “ar”, que é a terminação verbal mais regular. Logo, tem-se: *slooshy*, *slooshied*, *slooshying* em inglês, enquanto em português: *esluchar*,

esluchou/esluchei/eslucharam (ou outras variantes no pretérito perfeito), e esluçando (ouvir ou escutar em *nadsat*).

Baseado nas experiências dos autores deste trabalho, este último dispositivo na criação e consolidação dos neologismos presentes na obra é extremamente eficaz; pois, com a familiarização rápida com os verbos regulares, há uma absorção e recepção maior do dialeto fictício criado pelo autor, e transposto ao português pelos tradutores, e conseqüentemente um envolvimento maior do leitor com a obra.

Ressalta-se que, na versão traduzida em português, o tradutor optou por não traduzir o neologismo *horrorshow* (bom ou bem em *nadsat*), que vem do russo *khorocho* (lit. bom). Contudo, é algo que possa causar uma perda ou ruído na compreensão de um público lusófono, pois a pronúncia de *horrorshow* em inglês se assemelha levemente à de *khorocho* em russo; e visto que se trata de um termo frequentemente usado pelo bando de delinquentes juvenis na trama e cujo significado remete a algo sinistro para um público anglófono (*horrorshow* significa literalmente “show de horrores”). Seria apropriado encontrar alguma tradução com a pronúncia similar e que trouxesse essa ideia do sinistro e perverso que a juventude considera legal ou empolgante, pois ajuda a criar a imagem do leitor de uma distopia marcada pela violência e comportamentos perversos vistos como aceitáveis dentro de uma tribo urbana.

### **Considerações finais**

Na criação de uma obra literária, o uso da linguagem é crucial; não se trata de respeitar ou não normas formais, mas sim de ir além do uso da língua, em que se pode criar um mundo no qual o leitor possa imergir e envolver-se com a trama e seus personagens. No caso de Burgess e *Laranja Mecânica*, o autor optou por criar uma distopia marcada pela violência e pela apatia em que a juventude delinquente deve aprender a controlar seu espírito violento e selvagem, domesticando-se para conviver em sociedade, tornando-se verdadeiras engrenagens mecânicas na máquina que é a sociedade.

Ao se utilizar de um dialeto que reflete os jovens delinquentes e é utilizado por eles, em seu livro, Burgess nos faz estranhar a leitura e provoca não somente curiosidade sobre o dialeto apresentado mas também um choque linguístico. Dessa forma, por vezes, é normal recorrer às traduções presentes nos glossários para compreender os neologismos.

Na versão traduzida para o português brasileiro, foi observado que o tradutor fez um trabalho que se adequou aos neologismos por empréstimo à ortografia brasileira, com a exceção do termo *horrowshow*, citado previamente. O presente artigo não almeja desaprovar o trabalho do responsável pela edição em português do livro; pelo contrário, este trabalho reconhece e compara os neologismos presentes em português com a obra original, além de demonstrar maneiras pelas quais o trabalho foi feito adequadamente, conseqüentemente de acordo com as teorias estabelecidas da área de linguística.

MARQUES, T. L., MELO, V. F. A linguagem *nadsat*: uma análise da tradução dos principais neologismos dentro do livro *Laranja Mecânica*. *Mosaico*. São José do Rio Preto. v. 18, n. 1, p. 563-577, 2019.

**THE NADSAT LANGUAGE: AN ANALYSIS OF THE  
TRANSLATION OF THE MAIN NEOLOGISMS FOUND IN A  
CLOCKWORD ORANGE**

**ABSTRACT:** The following paper aims to analyze the most frequent neologisms of the nadsat dialect created by Anthony Burgess in his book *A Clockwork Orange*. Through the AntConc program, it shall be assessed if the translation of these words from English to Portuguese follows the orthographic and phonetic norms and conventions of the target language and if they cause a certain linguistic alienation in regards to the book.

**KEYWORDS:** Antconc; neologism; translation.

### **Referências bibliográficas**

ALVES, I. *A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português*. UNESP, São Paulo, Alfa, p. 19-126, 1984.

*AntConc* Software. Disponível em:  
<<http://www.laurenceanthony.net/software.html>>  
BURGESS, A. *Clockwork Orange*. London: Heinemann, 1962. 196 p.  
BURGESS, A. *Laranja Mecânica*. Tradução Nelson Dantas. São Paulo: Aleph, 2013.  
Heckler, E. et al. *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*. UNISINOS, São Leopoldo, 1984.  
*Nadsat Dictionary*. Disponível em: <<https://soomka.com/nadsat.html>>